



Ministério da Cultura
Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN
Departamento do Patrimônio Imaterial
Coordenação Geral de Identificação e Registro
Coordenação de Registro



Parecer nº 17/2012/CR/CGIR/DPI/Iphan

Assunto: **Processo nº 01450.014268/2008-59 - Registro do Fandango Caiçara**

À Sra. Coordenadora de Registro, da Coordenação Geral de Identificação e Registro, do Departamento do Patrimônio Imaterial, encaminho o seguinte PARECER:

Trata-se de parecer conclusivo acerca da instrução técnica do processo de Registro do Fandango Caiçara, cujo pedido de Registro foi apresentado ao Iphan, através do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, em 26 de julho de 2008, pelas seguintes entidades: Associação de Fandagueiros do Município de Guraqueçaba, Associação de Cultura Popular Mandicuéra, Associação Cultural Caburé, Associação dos Jovens da Juréia, Associação Rede Cananéia, Instituto de Pesquisa Cananéia, Associação dos Fandagueiros de Cananéia, Instituto Silo Cultural, com a anuência da comunidade produtora do Fandango e demais interessados.

O pedido foi acompanhado de publicações e materiais audiovisuais diversos sobre o Fandango e a cultura caiçara, além de texto explicativo sobre a manifestação em questão.

A discussão sobre o Registro do Fandango e a construção do pedido iniciaram-se ainda em julho de 2006, ao longo do I e, em 2008, do II Encontro de Fandango e Cultura Caiçara, momentos de trocas entre as diversas comunidades produtoras desse bem cultural, instituições e pesquisadores. Foi um processo em que as pessoas se envolveram efetivamente, e puderam dar sua anuência de forma bastante informada e consciente do significado do reconhecimento como Patrimônio Cultural do Brasil.

RBO

Em novembro de 2008, a proposta de Registro foi submetida à avaliação da Câmara do Patrimônio Imaterial que, em sua 13ª reunião, com base na Nota Técnica nº 21/2008 da então Gerência de Registro, considerou o pedido pertinente e solicitou ao DPI as providências necessárias para a instrução do processo.



1) A pesquisa

A instrução do processo foi conduzida pelo DPI, e teve a participação das Superintendências Estaduais no que foi possível, devido à exiguidade de funcionários nas mesmas e a grande demanda de serviços.

Em 2009, o Departamento de Patrimônio Imaterial disponibilizou recursos da ordem de R\$ 80.000,00 para que pudessem ser produzidos os materiais necessários à instrução do processo. A execução do projeto foi realizada pela Associação Cultural Caburé, única instituição a se apresentar na segunda publicação do edital de licitação, após a primeira resultar em vazia.

Tendo em vista a existência de farta documentação sobre o Fandango Caiçara, reunida, principalmente, pelo projeto Museu Vivo do Fandango, implantado pela própria Associação Cultural Caburé junto às demais associações locais, a instrução buscou sistematizar os dados existentes e complementá-los no que fosse necessário. As imagens utilizadas foram cedidas ao Iphan pelo Museu Vivo do Fandango.

Ao longo de 2010 foram realizadas reuniões e contatos para a orientação e acompanhamento da pesquisa. Conforme previsto, nos dias 6, 7 e 8 de agosto ocorreu um encontro entre o Iphan, a Associação Cultural Caburé e os detentores do bem para informar e discutir acerca do andamento do processo de Registro e, junto à comunidade, levantar propostas de ações de salvaguarda.

O corpo do processo está constituído pelos documentos originais do pedido de Registro, cartas de anuência, notas técnicas e memória de reuniões, pelo texto descritivo e analítico, além de correspondências diversas. Os demais documentos e publicações, produzidos ou reunidos pela pesquisa, em diferentes suportes, constituem os seguintes anexos e apensos do processo:

ANEXO I – Texto descritivo – completo e resumido (versão digital)

ANEXO II – Vídeo (versão reduzida)

hBLO



- ANEXO III – Vídeo (versão longa)
- ANEXO IV – DVD de Fotos em alta resolução
- ANEXO V – Fichas do INRC
- ANEXO VI – Fichas do INRC - Anexos
- ANEXO VII – Fichas do INRC (versão digital)
- ANEXO VIII – Partituras
- ANEXO IX – Partituras (versão digital)
- ANEXO X – DVD 1A– Áudio e transcrição de entrevistas com fandangueiros e pesquisadores – Morretes e Paranaguá
- ANEXO XI – DVD 1B – Áudio de entrevistas com fandangueiros - Guaraqueçaba
- ANEXO XII – DVD 1C.1 – Áudio de entrevistas com Fandangueiros - Cananéia
- ANEXO XIII – DVD 1C.2 - Áudio de entrevistas com Fandangueiros - Cananéia
- ANEXO XIV – DVD 1D - Áudio de entrevistas com Fandangueiros - Iguape
- ANEXO XV – DVD 2 - Áudio de entrevistas com Fandangueiros - Iguape
- ANEXO XVI – DVD 3 - Áudio de entrevistas com Inami Custódio Pinto, Rogério Gulin e Oswaldo Rios
- ANEXO XVII – HD contendo: gravação e degravação da reunião ocorrida em Cananéia (agosto 2012), artes produzidas para o processo, fotos, partituras e textos.
- APENSO I – Livro “Museu Vivo do Fandango”
- APENSO II – Livro “Tocadores: homem, terra, música e cordas”
- APENSO III – Livro “Rabeca, o som inesperado”
- APENSO IV – Livro – “O caiçara se revela no município de Cananéia”
- APENSO V – Livro – “Saberes Caiçaras, a cultura caiçara na história de Cananéia”
- APENSO VI – Livro “Fandango do Paraná: olhares”
- APENSO VII - Guia “Museu Vivo do Fandango” – Morretes, Paranaguá, Guaraqueçaba, Iguape, Cananéia. Edição 2008/2009
- APENSO VIII – Cartilha – “Lendas e Histórias de Cananéia”
- APENSO IX – CD duplo “Museu Vivo do Fandango”
- APENSO X - CD “Rabeca, o som inesperado”
- APENSO XI – CD “Resgatando o Fandango Caiçara de Cananéia”
- APENSO XII – DVD “Museu Vivo do Fandango”
- APENSO XIII – DVD “Tocadores: homem, terra, música e cordas – Litoral Sul”
- APENSO XIV– DVD “Caiçara”

h3ho



2) O objeto de Registro

O objeto do presente processo de Registro, para o qual se está requerendo o título de Patrimônio Cultural Brasileiro, é a manifestação cultural conhecida como **Fandango Caiçara**, cuja área de ocorrência abrange o litoral sul do estado de São Paulo e o litoral norte do estado do Paraná.

Os principais municípios onde podemos encontrar o Fandango são Iguape e Cananéia, no estado de São Paulo; e Guaraqueçaba, Paranaguá e Morretes, no estado do Paraná, estendendo-se a pequenos trechos de municípios adjacentes, como Paruibe e Ilha Comprida, ambos em São Paulo. O Fandango se concentra nessas áreas desde o século XIX, mas temos indícios de sua presença na região ainda no século XVIII.

Fruto de um processo histórico-social específico, que se consolidou a partir de finais do século XIX, quando da formação de núcleos de povoamento característicos da região, chamados de “sítios”, o Fandango se definiu em virtude dos modos de vida desses locais.

O Fandango Caiçara é uma expressão musical-coreográfica-poética e festiva da cultura caiçara, que se configura através de um conjunto de práticas que perpassam o trabalho e o divertimento, a música e a dança, prestígios e rivalidades, saberes e fazeres. É por meio do Fandango que todo um sistema cultural se produz e reproduz.

O Fandango Caiçara possui uma estrutura bastante complexa e envolve diversas formas de execução dos instrumentos musicais, das melodias, dos versos e das coreografias. Sua formação instrumental está basicamente composta por dois tocadores de viola, que cantam as melodias em intervalos de terças, um tocador de rabeca e um tocador de adufo¹. É possível encontrar em alguns grupos, principalmente do estado de São Paulo, instrumentos como o violão e o cavaquinho, além de diversos instrumentos de percussão.

A base harmônica do Fandango possibilita a execução de muitas cantigas, cujos versos podem ser improvisados ou vindos de repertórios tradicionais. Os versos são criações dos próprios fandangueiros, que também recriam as letras conforme o contexto vivido e os acontecimentos cotidianos. As temáticas se referem comumente ao trabalho na lavoura e na pesca, a histórias de bailes e brigas, à natureza, além de eventos históricos pontuais.

¹ O *machete*, instrumento de cordas bastante utilizado no passado para a iniciação musical dos fandangueiros por ser mais simples e menor que a viola, é bastante raro atualmente.

O Fandango Caiçara se classifica em *batido* e *bailado ou valsado*. Os fandangueiros definem os diferentes ritmos, melodias e coreografias do Fandango como *marcas*, associadas ao Fandango batido, ou *modas*, associadas ao Fandango bailado.

As marcas batidas são assim chamadas por conterem em sua composição instrumental a percussão através de tamancos. Possuem uma estrutura musical, versos e toques bastante definidos, com variações segundo a região. As marcas mais conhecidas são: *Anu, Andorinha, Sinsará, Xará, Feliz, Tiraninha, Tonta, Marinheiro, Queromana*, cada uma com sua especificidade².

Para o Fandango bailado, são identificados dois grupos: a *chamarrita* e o *dandão*, que não constituem uma moda em si, mas uma estrutura de toques de viola e rabeça e jeitos de cantar bem definidos. A diferença da chamarrita para o dandão é a presença, neste último, da figura do refrão ou *modinha*. Em ambos é possível identificar inúmeras variações na composição musical da viola e da rabeça, o que mostra uma grande riqueza no âmbito da musicalidade do Fandango.

Acompanhando as músicas, são executadas danças de casais tanto coreografadas quanto espontâneas. No valsado, os pares se mantêm em roda e todos os presentes no baile podem participar, tendo em vista que não há uma coreografia específica a ser seguida.

No batido, ao contrário, pela própria necessidade de saber fazer uso dos tamancos, é exigido um preparo anterior dos dançantes, tamanha a complexidade e as variações possíveis. Geralmente, dança-se em círculo: as mulheres se movimentam graciosamente acompanhando o ritmo das modas e os homens batem palma e tamanqueiam. Muitas vezes um dos homens faz o papel de *mestre* ou *puxador*, servindo seu tamanqueado como referência para os demais *batedores*. Nos batidos, a estrutura da roda pode ser desfeita apresentando formas como cordões, tranças e oitos, e em algumas localidades encontramos acrescidos à dança alguns objetos como lenços e vassouras³.

As danças, nas comunidades caiçaras, têm papel importante na inserção social do sujeito, pois, através delas, além de se namorar, casar, criam-se laços de solidariedade e estabelecem-se rivalidades.

² Ver Dossiê de Registro, p. 62 a 64.

³ Para uma melhor visualização, o Dossiê de Registro apresenta graficamente a execução das danças. pp. 60 a 64.



215

Faziam briga, que faziam aquele toque de fandango. Sabe por que brigavam? Brigava porque tirava as meninas. “Ah fui no fandango”. “Tava bom?”. “Tava”. “Teve briga?”. “Não”. “Então não tava bom?” (Sandra, moradora da Ilha do Mel/PR).



O Fandango, essencialmente, sempre esteve ligado à organização do trabalho coletivo, o mutirão, onde o dono da terra a ser trabalhada convoca a comunidade para auxiliá-lo. Vizinhos e camaradas se reúnem para ajudar a erguer uma casa, “varar” uma canoa, fazer *lanço* de tainha, ou durante os preparativos para um casamento, e recebem como recompensa “um fandango”, além de comida farta e aguardente. Trabalha-se durante o dia e toca-se e dança-se Fandango à noite.

Apesar dessas ocasiões serem cada vez mais raras, a solidariedade nelas envolvida apresenta uma função para além daquela produtiva, auxiliando no contato entre vizinhos, estreitando laços sociais, intermediando namoros, e viabilizando trocas.

Diversos outros momentos da vida das comunidades caiçaras têm o Fandango como elemento essencial da comemoração: aniversários, casamentos, batizados e festas de santo, como as celebrações em devoção a São Pedro, no ciclo junino; manifestações como as Romarias do Divino, ou a louvação a São Gonçalo, que ocorre na abertura do Fandango como forma de pagamento de promessas⁴.

Tradicionalmente, o Fandango ocorre aos sábados e domingos, quando a comunidade se reúne após uma semana de trabalho. Os bailes, como são conhecidos os encontros onde há Fandango, são promovidos por grupos de Fandango, associações, coletivos locais, além de grupos familiares e comunitários.

Sempre acompanhados de fartos banquetes, os bailes incluem comidas a base de peixe, mariscos, farinha de mandioca e de milho, carne de caça, doces e bebidas como cachaças curtidas em ervas e a cachaça com melado, chamada também de “mãe com a filha”.

Nos bailes de Fandango a comunidade atualiza as notícias e reforça as relações de parentesco. É nesse contexto de convivência entre os tocadores, os dançadores e a comunidade, que a manutenção da memória e da prática das diferentes músicas e danças é viabilizada, permitindo a continuidade do conhecimento musical em torno do Fandango e sua evolução: Durante os bailes se estabelecem redes de trocas e diálogos entre gerações, intercâmbio de instrumentos, afinações, modas e passos.

⁴ PIMENTEL(2010) em Dossiê de Registro p. 58.



“ (...) Pra gente não perder o ritmo, precisava que tivesse o instrumento e que sempre tivesse tocando né? Sempre, sempre...Mas, pelos anos que faz, até a viola, as músicas que a gente sabia, também, vai tudo desaparecendo da idéia da gente (...)” (Jo Mendonça, violeiro de Cananéia/SP).

O fazer Fandango perpassa os conhecimentos associados à fabricação dos instrumentos⁵ feita, em sua grande maioria, de forma artesanal. A caixeta pode ser definida como a madeira mais utilizada pelos *fabriqueiros*, como são conhecidos os fandangueiros que sabem construir instrumentos.

A viola de Fandango ou *fandangueira* é feita com madeiras da região e pode ser construída através de dois processos: em fôrma ou cavoucada. Possui um variado número de cordas, cinco, seis, sete ou dez, além de uma corda mais curta, chamada de *turina*, *cantadeira* ou *piriquita*, que dá o tom da voz do violeiro. As afinações podem ser de três tipos: *pelas três*, *pelo meio* ou *intainada* (derivada de oitavada).

Os acordes e as afinações da viola fandangueira possibilitam a identificação da origem da moda tocada, do grupo de Fandango ou do fandangueiro. Cada localidade ou conjunto de localidades tem afinações e acordes característicos que permitem seu reconhecimento pela comunidade.

Podendo também ser fabricado na fôrma ou no tronco escavado, outro instrumento fundamental do Fandango caiçara, cuja origem remonta aos povos berberes e persas, além dos portugueses, é a *rabeca*. Semelhante ao violino, este instrumento foi adaptado regionalmente, com mudanças em seu formato e modo de construção. É possível identificar elementos característicos da região onde é produzida e tocada a rabeca, como a as afinações e a quantidade de cordas, comumente em número de três, à exceção de Morretes, onde é encontrada com quatro cordas.

O *adufo* é o instrumento de acompanhamento rítmico do Fandango caiçara. Confeccionado com um aro de madeira coberto com couro, e com platinelas comumente feitas com tampinhas de garrafa amassadas, o adufo é uma espécie de ancestral do

⁵ Em 2010 o PROMOART promoveu a exposição *Instrumentos Musicais do Fandango Caiçara*, onde também foram executadas diversas outras ações voltadas para a documentação e a continuidade do saber-fazer.

WBLD

pandeiro. Este instrumento musical é também originário de Portugal tendo sido introduzido na península ibérica pelos árabes.

Os elementos que caracterizam o Fandango dessa região são os *tamancos*, instrumentos de percussão, que se relacionam também com a dança. Os tamancos são utilizados apenas pelos homens, que muitas vezes fazem o seu próprio par a partir de madeiras duras como o limoeiro e a laranjeira. As origens do uso dos tamancos são contadas pelos fandangueiros remetendo à atividade de descascar arroz, comum nos tempos dos sítios.

3) Origens e transformações

As narrativas sobre as principais características, origens e influências do Fandango começaram a ser construídas a partir dos relatos de viajantes que por aqui passaram entre os séculos XVIII e XIX, principalmente Avé-Lallement, Bigg-Wither e Auguste de Saint-Hillaire, que constituem os primeiros registros sobre o Fandango no Brasil.

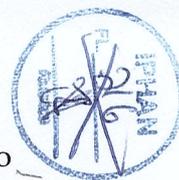
Acredita-se que o Fandango tenha se originado na península ibérica, possuindo forte influência árabe, e ficando conhecido como “baile ruidoso” por causa dos sapateados rufados. Tocado em três tempos, característica marcante da musicalidade da região do Mediterrâneo, integra-se, na Espanha, ao universo mais amplo do Flamenco.

Ainda em território europeu, o Fandango também se encontra nas manifestações do Arquipélago dos Açores, nas cantigas de trabalho e de divertimento, assim como nas romarias dedicadas ao Divino Espírito Santo, cujos cantos e toques chegaram ao sul/sudeste do Brasil quando da migração dos açorianos para esta região, em meados do século XVIII.

Nas Américas, o termo “Fandango” foi empregado tanto para definir “local onde se faz música”, quanto apenas “dança”, como é o caso da Colômbia e do Brasil⁶. Aqui, a origem portuguesa do Fandango se mesclou com matrizes culturais locais e se difundiu em estados do Norte e Nordeste, assim como naqueles da região Sul e Sudeste⁷.

⁶ A primeira tentativa de definição para o termo “fandango” veio a partir da obra de Mario de Andrade intitulada “Ensaio sobre a música popular”, que traz letras e melodias de fandangos da região de Cananéia(SP), cujos registros do fandango em forma de partitura podem ser considerados os primeiros a serem produzidos.

⁷ Câmara Cascudo, em sua obra “Dicionário do Folclore Brasileiro”, aponta o fandango como “folguedo dos marujos ou marujada ou barca, em alguns estados do Norte e Nordeste. (...) a brasilidade do fandango, auto popular, é indiscutível...é um mosaico de temas organizado anonimamente no Brasil”.



ABH

No Brasil, o Fandango ocorria tanto nos meios aristocráticos quanto nas festas do povo. Esta característica se modificou a partir do século XIX, devido às proibições feitas pelas Ordenanças Reais e pela Igreja, que resultaram no abandono da prática pelas classes mais abastadas. Contudo, o Fandango continuou divertindo os descendentes de escravos e os brancos de poucas posses, que foram, eventualmente, perseguidos por isso.



Às proibições ao Fandango se somou o fim dos sistemas de cultivo coloniais e pós-coloniais, fazendo com que as povoações caiçaras das regiões litorâneas do sudeste ficassem imersas num isolamento profundo, conforme aponta Antônio Carlos Diegues⁸, momento em que surgiram os característicos núcleos de povoamento caiçara, os chamados “sítios”.

Os sítios possuíam modos de vida próprios ligados ao trabalho na roça, na pesca e no extrativismo. Nestes locais, o Fandango se desenvolveu como elemento de reciprocidade, valor basilar da relação familiar, de compadrio e vizinhança. Devido à distância existente entre os diferentes sítios, e à dificuldade de acesso pela própria geografia local, a comunidade estabeleceu estratégias de encontro e comunicação, onde as cadências do Fandango marcaram as dinâmicas sociais.

A partir da década de 1950, as populações caiçaras se viram, por vezes de forma violenta, expropriados de suas terras. As áreas de Mata Atlântica bastante conservadas, graças às atividades tradicionais e sustentáveis realizadas pelas populações caiçaras que as habitavam, foram transformadas pelo Estado em áreas protegidas. A legislação afetou profundamente o modo de vida das comunidades, por proibir os cultivos de subsistência, a caça e o extrativismo vegetal.

Com isso, houve o esvaziamento dos diversos núcleos comunitários dos municípios, e a redução das práticas locais, como os mutirões, já que muitos moradores venderam suas terras por preços baixos para tentar a vida nos grandes centros.

“Os novos já foram pegando emprego, se empregando, mas tinha muita gente que sofreu com isso. Agora ainda ficou mais difícil por causa das mudanças de governo... De leis ambientais. Quem tem área é que pode trabalhar nela ainda, quem não tem área é difícil. Porque a maior parte de gente que tinha sua área de terra, não tinha documentação, era só posse. (...) Às vezes a pessoa diz que não pode plantar porque o IBAMA não deixa, o IAP (Instituto Ambiental do Paraná) não deixa, não

⁸ Ver Dossiê de Registro. p 37

ABAP

sei quem não deixa. Aí às vezes se diz, não é assim “não deixa”, se você tem uma área, terra que pode trabalhar...(...) Então o povo vive abandonado, vive sozinho”. (Violeiro Umberto Soares, Guaraqueçaba/PR)



Contudo, a formação dos núcleos mais urbanizados e a convergência de pessoas para os mesmos, não impediu a continuidade dos trânsitos caiçaras, e as redes de sociabilidade em torno do Fandango foram mantidas, motivadas pela fé, pelo parentesco, pela sobrevivência. As trocas realizadas enriqueceram esse bem cultural sonora e esteticamente, resultando numa diversidade de estilos, jeitos de dançar, de tocar o Fandango, e de construir os instrumentos.

Até mesmo na sua forma de organização é possível encontrar diferenças que caracterizam o Fandango conforme a localidade: em São Paulo, encontramos como marca a congregação em grupos de músicos; já no Paraná, temos a formação de grupos que agregam músicos e sapateadores.

Além de serem veículos de divulgação do Fandango através das apresentações programadas, a organização dos fandangueiros em associações ou grupos mostra como eles têm se articulado e se fortalecido frente às ações governamentais e ao mercado criado em torno dessa expressão. O turismo tornou-se uma fonte importante de valorização do Fandango, passando a ter grande importância no sustento das famílias que permaneceram na região.

*Os turistas que aqui vêm / Causa uma admiração
Por verem em Cananéia / Está voltando a tradição
Que moças que dançavam samba / Hoje já dançam dandão⁹*

Com a valorização do Fandango, existe um crescente interesse dos mais jovens por essa manifestação cultural. Pode ser identificado um número cada vez maior de grupos de Fandango formados por jovens, onde encontramos tocadores e construtores de instrumentos com idades abaixo dos trinta anos.

⁹ Composição de fandango.

UBA



Os grupos constituem-se em ambientes propícios para o aprendizado e o repasse de conhecimentos, verdadeiras incubadoras de novos fandangueiros. É no contexto dos grupos que a manifestação cultural se atualiza e resiste aos novos tempos.

Antigamente, o aprendizado relativo ao Fandango caçara em todas as suas dimensões era feito através da observação, da experiência. Conforme o relato dos fandangueiros, não havia um momento específico onde o pai passava para o filho as técnicas de construção e de uso dos instrumentos, nem o aprendizado das diferentes modas ou danças, as crianças acompanhavam seus familiares nas diferentes atividades e assim se apropriavam dos saberes envolvidos no fazer Fandango. Ainda hoje é possível encontrar esse tipo de aprendizado, contudo ele teve que se unir a formas mais institucionalizadas de ensino, com espaços e metodologias definidas.

É importante frisar que as comunidades caçaras assumiram com toda força a responsabilidade pela continuidade de suas práticas, e esse fenômeno viabilizou o reaparecimento de grupos de Fandango, bandeiras do divino e festas de reis, em locais onde estavam praticamente desaparecidas.

Além disso, frente aos novos contextos, temos a formação dentro das comunidades de agentes mediadores capazes de dialogar com as políticas públicas e suas formas de acesso. Hoje, o Fandango Caiçara está presente em diversos projetos executados pelo Estado e por organizações da sociedade civil, além de ser foco de estudos diversos cuja produção aumenta a cada dia.

4) Salvaguarda

Conforme aponta o dossiê, o Fandango já se encontra em processo de salvaguarda desde a década de 1960, a partir de um movimento da própria comunidade que criou estratégias de continuidade “frente ao progressivo declínio da importância econômica dos mutirões e às restrições de acesso aos recursos naturais”¹⁰. As propostas de ações de salvaguarda abaixo foram discutidas e elaboradas durante a reunião ocorrida em Cananéia em agosto de 2010, onde estavam presentes membros da comunidade, fandangueiros, a Associação Cultural Caburé, encarregada da pesquisa, e o Iphan. O exercício foi o de tentar

¹⁰ Texto do dossiê. p. 91.



elaborar um “pré-plano de salvaguarda”, com uma melhor definição das ações a serem executadas segundo a localidade.

- TEMA 1: ENSINO / APRENDIZAGEM

Propostas gerais:

- Ter apoio das prefeituras para a realização de oficinas de Fandango para as crianças e inclusão do ensino da cultura caiçara nos currículos escolares.
- Colocar o aprendizado do Fandango no currículo escolar – (oficinas para tocar e fabricar instrumentos, oficinas de composição, etc).
- Desenvolver parceria com as secretarias municipais de educação para que o Fandango esteja presente nas escolas – a partir de oficinas com mestres, capacitação de professores, visitas das escolas às comunidades fandanguieiras – promovendo a transmissão dos saberes.

Propostas locais:

- Morretes: viabilizar espaço para ensaios de grupos e bailes; e promover oficinas de toque e construção de instrumentos.
- Guaraqueçaba: obter apoio da Prefeitura, com recursos para construir uma casa para bailes do Fandango e dar aulas para crianças, além de viabilizar transporte das pessoas entre o centro e as vilas.
- Cananéia: restaurar um prédio antigo do casario histórico do patrimônio de Cananéia para a organização da Casa do Fandango (local para oficinas de rabeca, casa de farinha e reuniões); promover de bailes de Fandango regulares no Ariri, melhorando a Casa do Fandango (Família Alves); divulgação do Fandango para os jovens incentivando-os a aprender; valorização local.

- TEMA 2: APOIO / AJUTÓRIO

Propostas gerais:

- Destinar por meio de projeto de lei de parte da verba de cultura das Prefeituras para o Fandango.
- Criar Conselhos de Cultura para fiscalização. Porque não há?
- Destinar também verbas do governo federal para o Fandango (culturas tradicionais – SCC?).

Propostas locais:

- Morretes: criar Ponto de Cultura do Fandango – espaço.

RUBICA



- Cananéia: obter verba de manutenção para os grupos de Fandango (prefeituras) e para manutenção dos espaços; concretizar o projeto da Casa do Fandango Caiçara no Marujá (verba para o material de construção, casa de madeira coberta com palha); e gerar renda a juventude.

- Iguape: obter recursos para manter o salão do Sandália de Prata, realizar viagens e fazer roupas para o grupo.

- TEMA 3: ENCONTRO, TROCA, REDE E MUTIRÃO

Proposta geral

- Facilitar e promover o intercâmbio entre os fandangueiros, possibilitando o trânsito e a troca de experiências.

- Obter apoio do poder público (promoção de encontros semestrais para discutir ações e organização de bailes). A prefeitura de cada localidade deve assumir a realização dessas ações a cada ano.

- TEMA 4: PESQUISA / MEMÓRIA

Propostas gerais:

- Realizar pesquisas e incentivar a continuidade e o resgate do Fandango em outras comunidades, localidades e municípios ainda não reconhecidos.

- Realizar encontros das comunidades caiçaras para troca de experiências e intercâmbio cultural.

- Mapear as comunidades tradicionais aonde acontece o Fandango para dar visibilidade aos grupos e iniciativas.

- Organizar vivências, imersões de jovens aprendizes junto a mestres e comunidades fandanguieras, realizando “caravana de aprendizes” a estes locais, compartilhando do cotidiano destas comunidades. Incluir registro audiovisual de todo o processo. Fazer do aprendiz um multiplicador em seus locais.

- TEMA 5: IMPORTÂNCIA E CONDIÇÕES DE CONTINUIDADE

Propostas gerais:

- Reconhecer e registrar o Fandango caiçara como patrimônio brasileiro, além de outras referências culturais e religiosas da região.

- Criar mecanismos de manutenção e de sustentabilidade do território caiçara, garantindo a reprodução de suas práticas culturais.

hbb



- Criar mecanismos de acesso ao território e, principalmente, de acesso à matéria-prima.
- Propor que as entidades de proteção ambiental permitam que os nativos permaneçam no local e tenham sua subsistência.
- Legalizar o território caiçara para garantir a permanência legal com a melhoria da qualidade de vida (permissão de mutirão, confecção de canoa e de instrumentos, manejo caixeta, etc). Articulação interministerial - Procuradoria Geral da República, MMA, MDA, MinC, etc.
- Licença para retirar a matéria prima necessária para a construção de instrumentos.
- Construção de um viveiro de mudas em cada município.

Propostas locais:

- Iguape: reconhecimento do território caiçara dentro da Estação Ecológica da Juréia para que a comunidade local possa usufruir do seu território, para sua própria subsistência de modo sustentável, elaborando um registro junto aos órgãos de proteção ambiental.
- Cananéia: enfatizar o turismo rural (base comunitária); incentivar a agricultura familiar e licenciamento das roças (plantação de rama), casa de farinha, gastronomia local, mutirão, Fandango.

- TEMA 6: DIVULGAÇÃO

Propostas gerais:

- Ampliar informações sobre Fandango e o acesso da rede de parceiros ao sítio virtual do Museu Vivo do Fandango. Envolver jovens da atualização e dinamização do portal do Museu.
- Criar um jornal trimestral do Fandango com informações dos grupos, eventos a serem realizados e memórias do Fandango.
- Divulgação em sites de Secretarias de Turismo e Cultura dos grupos de Fandango e fandangueiros.
- Fomentar grandes eventos nas cidades que valorizem a cultura caiçara.

Propostas locais:

- Guaraqueçaba: incentivar a realização de Fandangos em Superagüi, através do fornecimento de uma estrutura (tablados, tamancos, instrumentos) e de viabilizar a vinda de fandangueiros convidados; esclarecer os turistas sobre a importância do Fandango.

ABD

5) Proposição do Registro



Por ser uma referência cultural dinâmica e de longa continuidade histórica;

Por sua relevância nacional, na medida em que traz elementos essenciais para a memória, a identidade e a formação da sociedade brasileira;

Por ser esta forma de expressão representativa da diversidade cultural brasileira;

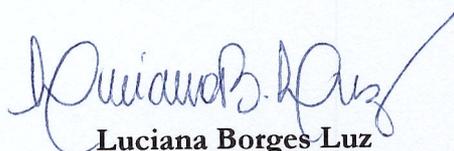
Por ser o Fandango um elemento fundamental para a construção e afirmação da identidade cultural das comunidades caiçaras;

Por ser a comunidade fandangueira um exemplo de articulação e resistência em prol de sua identidade e da manutenção de suas práticas culturais;

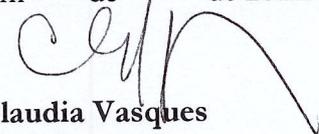
Por encontrarmos suficientemente apresentados no presente parecer os argumentos capazes de fundamentar a decisão quanto à pertinência do **Registro do Fandango Caiçara**, no Livro das Formas de Expressão, somos favoráveis ao seu reconhecimento como **Patrimônio Cultural do Brasil**.

É este o nosso parecer.

Brasília, 25 de maio de 2012.

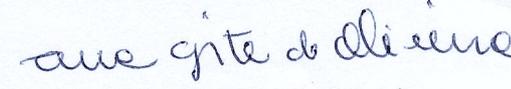

Luciana Borges Luz
Mat. 2591104
Coordenação de Registro

De acordo.
À Coordenadora Geral de
Identificação e Registro,
Para os demais encaminhamentos.
Em 29 de 05 de 2012.


Claudia Vasques
Coordenadora de Registro

De acordo.
À Diretora do DPI, para os devidos
encaminhamentos.

Em 29 de Maio de 2012.


Ana Gita de Oliveira
Coordenadora Geral de Identificação e
Registro DPI/Iphan